



DISCURSO

& SOCIEDAD

Copyright © 2022
ISSN 1887-4606
Vol. 16(2) 303-328
www.dissoc.org

Artículo

**Ideologia e poder no “dia do fogo” na
Amazônia (2019): análise crítica do discurso
dos jornais *Público* e *Folha de S.Paulo*¹**

*Ideology and power on the “day of fire” in the
Amazon (2019): critical discourse analysis of the
newspapers *Folha de S.Paulo* and *Público**

Thaís Braga

Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade

Sandra Marinho

Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade

Resumo

Em 2019, uma onda de incêndios florestais espalhou-se pela Amazônia brasileira a partir de municípios do Estado do Pará. Iniciada em 10 de agosto, a queima foi supostamente provocada por um grupo de agropecuaristas e ficou conhecida como o “dia do fogo”. A partir deste caso, o artigo objetiva identificar e compreender como se manifestaram as ideologias sobre a Amazônia no discurso jornalístico. Por meio do processo de amostragem não probabilística por casos típicos, formou-se um corpus com 61 textos do Público (Portugal) e 60 textos da Folha de S.Paulo (Brasil), do qual se extraíram dois textos de perguntas e respostas (explicadores) sobre o “dia do fogo”. Adotaram-se a observação direta e a observação indireta (entrevistas semiestruturadas em profundidade) como técnicas/instrumentos de coleta de dados. A técnica de análise utilizada foi a análise crítica do discurso. A partir do exame das manchetes, submanchetes e das dez perguntas de cada texto, percebeu-se a manifestação de ideologias semelhantes nos dois jornais. O interesse de ambos sobre a Amazônia pareceu ser despertado pelo presidente da França, Emmanuel Macron, que chamou a atenção para a crise internacional no “pulmão do mundo”. De maneiras próprias, Público e Folha de S.Paulo apresentaram visões estrangeiras sobre o bioma, com a frequente associação à floresta e aos rios. No aspecto político, o periódico brasileiro confrontou as posições do presidente brasileiro Jair Bolsonaro, enquanto o periódico português alinhou-se à agenda verde europeia.

Palavras-chave: Amazônia. Dia do fogo. Análise crítica do discurso. Público. Folha de S.Paulo.

Abstract

In 2019, a wave of forest fires spread across the Brazilian Amazon from municipalities in the state of Pará. Started on August 10, the burning was supposedly caused by a group of farmers and became known as the day of the fire. From this case, the article aims to identify and understand how ideologies about the Amazon were manifested in the journalistic discourse. Through the non-probabilistic sampling process for typical cases, a corpus was formed with 61 texts from Público (Portugal) and 60 texts from Folha de S.Paulo (Brazil), from which two texts of questions and answers (explainers) about the “day of fire” were extracted. Direct observation and indirect observation (semi-structured in-depth interviews) were adopted as data collection techniques/instruments. The analysis technique used was critical discourse analysis. From the examination of the headlines, subheadlines and the ten questions of each text, it was noticed the manifestation of similar ideologies in the two newspapers. Their interest in the Amazon seemed to be sparked by French President Emmanuel Macron, who drew attention to the international crisis in the “lungs of the world”. In their own ways, Público and Folha de S.Paulo presented foreign views on the biome, with the frequent association with the forest and rivers. In the political aspect, the Brazilian newspaper confronted the positions of Brazilian President Jair Bolsonaro, while the Portuguese newspaper aligned itself with the European green agenda.

Keywords: Amazon. Day of the fire. Critical discourse analysis. Público. Folha de S.Paulo.

Introdução

“Dia do fogo” na Amazônia refere-se aos incêndios florestais, ao que tudo indica, de natureza criminosos provocados por agropecuaristas do Estado do Pará, no Brasil, em 10 de agosto de 2019. A ação deu início a uma série de queimadas que se estenderam para outros biomas brasileiros: o Cerrado e o Pantanal (Camargos, 2019). O suposto crime ambiental decorreu das diversas medidas de incentivo ao desmatamento implantadas pelo presidente Jair Bolsonaro (2019-atual), em especial, a fragilização dos órgãos de fiscalização e controle ambiental (Tuffani, 2019). Outrossim, o dia do fogo na Amazônia foi a causa de uma crise diplomática entre o governo brasileiro e a União Europeia, sobretudo pela ameaça do presidente francês Emmanuel Macron (2017-atual) de não ratificar o acordo comercial entre o bloco econômico europeu e o Mercado Comum do Sul, bem como pela tentativa de boicote à importação de produtos brasileiros provenientes de áreas de desmatamento (Rodrigues, 2019).

A partir deste caso, pergunta-se: como se manifestaram as ideologias sobre a Amazônia no discurso jornalístico sobre o dia do fogo? Em concordância com Van Dijk (1995, 1998, 2015, 2017), entende-se que as ideologias são capazes de organizar as crenças sociais das pessoas, como integrantes de um grupo, acerca do que está acontecendo, seja bom ou ruim, certo ou errado, de forma que ajam de acordo. No discurso jornalístico, as ideologias são expressas por meio de uma estratégia de controle do conhecimento, a saber: restrição seletiva de assuntos e, mais geralmente, reconstrução específica de realidades sociopolíticas. O processo é dirigido por um sistema de valores e de ideologias profissionais sobre as notícias e sobre o que deve ou não ser notícia.

Para responder à questão-problema, observou-se o discurso dos jornais *Público* (Portugal) e *Folha de S. Paulo* (Brasil). Ambos se assemelham, pois são periódicos diários nacionais que produzem edições impressas, mas também mantêm conteúdos atualizados em *site*; possuem manuais de redação e de estilo; mantêm perfis atualizados nos *media* sociais; e têm bons índices de circulação e audiência, sobretudo digitalmente². Apesar de o jornal brasileiro ser centenário e o jornal português possuir pouco mais de 30 anos de existência, ou seja, a *Folha de S. Paulo* passou por mais transformações ao longo do tempo do que o *Público*, inclusive chegou a apoiar a ditadura militar no Brasil (Albuquerque, 2019), atualmente os dois revelam-se empresas dinâmicas e competitivas. Desde julho de 2020, ofertam assinaturas digitais conjuntas, sob justificativa de que compartilham uma língua, uma cultura e um código de valores (M. Carvalho & Dávila, 2020). O exercício de comparação aqui proposto, objetiva conhecer o que

é comum a partir da consciência do que é diferente, dados os específicos contextos institucionais e socioculturais (M. Oliveira & Paulino, 2017).

O artigo inicia-se com uma discussão teórica sobre ideologia. A etapa seguinte apresenta os procedimentos metodológicos adotados. Procede-se depois à análise crítica do discurso jornalístico do *Público* e da *Folha de S. Paulo* sobre o “dia do fogo” na Amazônia.

Ideologias: tentativas de controle do discurso

Silva (2021) explica que, popularmente, o termo ideologia pode se tratar de uma categoria de acusação, de um ataque, de uma ofensa ou desqualificação, pois ideológico é o pensamento do outro, que não consegue ver ou vê mal a realidade. No extremo oposto, a ideologia pode significar ver com clareza aquilo que o outro não consegue enxergar. Ainda de acordo com Silva (2014, 2021), as origens do conceito de ideologia estão em Antoine Destutt de Tracy, que, depois de ter sido preso durante a Revolução Francesa e solto em 1794, criou o termo, em 1796, para instituir uma ciência das ideias. Segundo Thompson (2011), a ideologia cunhada por Destutt de Tracy deveria ser positiva, útil e suscetível de exatidão rigorosa, bem como seria a “primeira ciência”, já que todo o conhecimento científico envolve, por defeito, a combinação de ideias. Também, seria a base da gramática, da lógica, da educação e da moralidade – em suma, a ideologia deveria regular a sociedade. Nos quatro volumes de *Éléments d'idéologie*, publicados entre 1800 e 1815, vê-se que Destutt de Tracy entendia a ideologia em associação com a zoologia, dado que percebia os seres humanos como parte da realidade material.

Thompson (2011) afirma que o imperador Napoleão Bonaparte foi o empecilho para as ambições iniciais da ideologia, pois via no projeto de Destutt de Tracy relações com o republicanismo, logo uma ameaça potencial a suas ambições autocráticas. Napoleão apelidara pejorativamente Destutt de Tracy e seus seguidores de “ideólogos” e sua hostilidade crescia à medida em que o império ruía. Após a restauração da dinastia dos Bourbon, em abril de 1814, Destutt de Tracy retomou seu programa original, entretanto o sentido da ideologia havia sido comprometido pelo caráter político.

O salto epistemológico no debate acerca da ideologia reside em Marx e Engels (2007), com a publicação de *Die deutsche Ideologie*, em 1846. Para os pensadores alemães, a produção de ideias, de representações e da consciência estariam, em tese, imediatamente relacionadas à atividade material e ao intercâmbio material das pessoas com a linguagem da vida real. Thompson

(2011, p. 49) defende que Marx e Engels assumiram o sentido negativo, oposicional, implícito e presente no uso do termo ideologia, tal como havia feito Napoleão, porém transformaram o conceito, “incorporando-o a um marco referencial teórico e a um programa político que eram profundamente dependentes do espírito do Iluminismo”. Para Silva (2021), a importância de Marx recai sobre a definição de ideologia como engrenagem, como um dispositivo de regulação das consciências, como uma ferramenta de conquista dos corações e mentes. No sentido marxista, ideologia consiste no dispositivo de reprodução e aceitação da dominação.

Althusser (1970) retoma o materialismo histórico ao discutir os determinantes das condições de produção social: 1) a infraestrutura ou base econômica, isto é, a unidade das forças produtivas e das relações de produção; 2) a superestrutura, que se divide em dois níveis: o jurídico-político (as leis e o Estado) e a ideologia. Para o filósofo, a superestrutura decorre da infraestrutura. Por isso, admite o Estado como um aparelho repressivo que funciona pela violência e cuja ação é complementada pelas instituições (escola, religião, família etc.), ou seja, pelos aparelhos ideológicos. Neste sentido, as ideologias não são abstratas, mas sim que têm existência material. Logo, devem ser examinadas como um conjunto de práticas materiais que reproduzem as relações de produção. Por meio da apreciação de suas práticas e de seus discursos, torna-se possível perceber como se estruturam e como agem os aparelhos ideológicos e, por consequência, como funcionam as ideologias dominantes.

Em diálogo com as Ciências da Comunicação, McNair (1998) observa que o discurso jornalístico, como construção social, resulta dos processos de produção centrados na redação, cujo ambiente de trabalho forma as rotinas e as limitações para a atividade profissional. Por isso, de acordo com os prazos estabelecidos e as pressões competitivas, forma-se um regime de práticas, repetidas cotidianamente, de forma a estruturar e organizar rotinas, bem como a determinar o fazer. Neveu (2005) afirma que, em decorrência das rotinas, o jornalista demonstra capacidade intuitiva e eficaz em matéria de triagem do fluxo de informação, ou seja, em detectar o seu valor (*news-worthiness*). Portanto, as rotinas e os automatismos de classificação têm um sentido prático ligado à experiência, de forma a hierarquizar rapidamente o caos da informação.

Em virtude da natureza organizacional que rege a produção de notícias (ou seja, as condições materiais), percebe-se o viés ideológico do discurso jornalístico. É particularmente útil o contributo de Bourdieu (1989, p. 10), para quem a ideologia consiste no “produto coletivo e coletivamente apropriado” e que serve a “interesses particulares que tendem a apresentar como interesses

universais, comuns ao conjunto do grupo”. Segundo o sociólogo, os *media* são detentores de um poder simbólico, que é exercido ideologicamente. Ao analisar as rotinas de produção e de apresentação dos produtos jornalísticos, Bourdieu (1997) concluiu que os jornalistas aderem à ideologia dominante e passam, por lógica de carreira e introjeção dos valores do campo jornalístico, a reproduzir uma visão justificadora do *status quo*. Silva (2014) enfatiza que, em Bourdieu (1989, 1997), a ideologia consiste na visão de mundo que encobre a realidade e justifica o sistema dominante. Parciais, os jornalistas estão a serviço do poder pela dominação simbólica, manipulando a realidade a partir de mecanismos de seleção, organização e hierarquização das notícias.

Thompson (2011) estreita o entendimento entre ideologia e poder, definindo a primeira como uma forma de produzir o segundo em circunstâncias particulares a fim de estabelecer e sustentar relações de dominação. Para o sociólogo, ideologia consiste no sentido produzido a serviço do poder. Diferente da crítica pessimista de Bourdieu (1989, 1997), Thompson (2011) defende que os *media* não são ideológicos em si mesmos, mas sim dependem da maneira como são utilizados e entendidos em contextos sociais específicos. Por isso, analisa a ideologia como parte integrante de um interesse mais geral.

Na obra *The interpretation of cultures*, originalmente publicada em 1973, Geertz (2015) defende que os principais estudos dos determinantes sociais da ideologia são abordados por meio da teoria do interesse ou por meio da teoria da tensão. No primeiro caso, por conta da tradição marxista, os pronunciamentos ideológicos são vistos contra o pano de fundo da luta universal por vantagens. No segundo caso, contra um pano de fundo do esforço crônico para corrigir o desequilíbrio sociopsicológico. O antropólogo parte da teoria da tensão para definir a ideologia como fonte de significado e de atitudes sociopolíticas; como quadros simbólicos que surgem para responder à tensão. Assim, numa dimensão apologética e justificadora, Geertz (2015) refere-se à ideologia como a parcela da cultura que se preocupa ativamente com o estabelecimento e a defesa de padrões de crença e de valor. Este entendimento permite o diálogo com os estudos críticos do discurso, que definem as ideologias como o mecanismo básico das cognições sociais de um grupo, isto é, como sistemas de normas e valores que controlam a coerência e o desenvolvimento de atitudes sociais mais específicas.

Van Dijk (1995) apresenta um modelo conceitual interpretativo específico com vistas à compreensão da realidade social, das práticas cotidianas e das relações com outros grupos. Seu objetivo não é determinar se as ideologias são verdadeiras ou falsas. Para o autor, as ideologias representam a “verdade” – por

vezes, preconceituosa – de um grupo social. Consistem em modelos de interpretação e de ação, mais ou menos relevantes ou eficazes, que os grupos dominantes utilizam para atingir seus interesses. Gerais e abstratas, as ideologias têm graus variados de complexidade: vão das proposições mais básicas aos modelos mais abrangentes, como as ideologias da “democracia” ou do “socialismo”. Por isso, a manifestação da ideologia varia de acordo com o contexto.

O poder social dos *media* reside em colocar em relação grupos ou instituições de forma que os mais poderosos tentam exercer o controle sobre os menos poderosos a partir do discurso. Trata-se de um poder simbólico e persuasivo, pois o controle se dá até certo ponto sobre o que os leitores pensam, e não sobre as ações deles, bem como há a possibilidade de resistência à persuasão (ou seja, não estamos a falar de leitores passivos, desprovidos de poder ou decisão). O controle através dos meios de comunicação social torna-se particularmente eficaz quando os leitores não percebem a natureza ou as implicações de tal controle ou quando aceitam o discurso mediático como verdadeiro, legítimo e correto.

Enquanto os tópicos ou macroestruturas semânticas representam o significado global do discurso, isto é, definem seu conteúdo, as estruturas ou superestruturas esquemáticas gerais representam sua forma global. As notícias, por exemplo, são organizadas por esquemas convencionais que definem a ordem e a posição hierárquica de tais categorias: “Quais informações aparecem em uma manchete, o que é enfatizado em uma conclusão ou quais descrições de eventos contam como complicação ou resolução de uma história dependem da maneira como os acontecimentos são interpretados e, portanto, de posições ideologicamente variáveis” (Van Dijk, 1998, p. 207).

Notas metodológicas

Para Zainal (2017), o método de estudo de caso explora e investiga fenômenos contemporâneos da vida real por meio de análises contextuais detalhadas de um número limitado de eventos ou condições e seus relacionamentos. Admite-se o “dia do fogo” na Amazônia como um acontecimento social, uma vez que, em concordância com o pragmatismo (França, 2012; Lage e Salgado, 2011; Quéré, 2012; Simões, 2014), ao irromper no presente, o caso convocou o passado e reposicionou o futuro. Os incêndios florestais inscreveram-se numa ambiência sociocultural e ganharam nova dimensão na medida em que foram descritos e narrados pelos *media* (ainda que o acontecimento não tenha se limitado à

representação ou ao relato mediático). Como não há maneira única de conduzir estudos de caso, optou-se por analisar o fenômeno a partir do discurso jornalístico do *Público* e da *Folha de S.Paulo*.

O “dia do fogo” na Amazônia foi observado entre agosto de 2019 e setembro de 2020, dado que, meses após a ação de 10 de agosto de 2019, o caso continuou a ser repercutido pelos periódicos selecionados. Formou-se, assim, um *corpus* via amostragem não probabilística por casos típicos, com 61 textos do *Público* e 60 textos da *Folha de S.Paulo*. De maneira mais ampla, esse conjunto de textos foi analisado em trabalhos anteriores (Braga, 2021; Braga e Marinho, 2021a; Braga e Marinho, 2021b). Neste artigo, examinam-se apenas dois textos publicados em 22 de agosto (Neves, 2019), no jornal português, e 23 de agosto (Amaral, 2019), no jornal brasileiro. Além de terem sido publicados praticamente ao mesmo tempo, ambos os textos estruturam-se no formato de perguntas e respostas (habitualmente denominados de explicadores), o que representa uma estratégia frequente de construção noticiosa para atrair a atenção da audiência. Ainda que não se concentre no discurso jornalístico, o estudo de Wang (2020) sugere que as sequências de perguntas e respostas, amplamente difundidas nas interações sociais, são um veículo básico por meio do qual várias ações sociais são realizadas. Também, que as perguntas estabelecem agendas para respostas, incorporam diferentes tipos de preferências e transmitem a postura epistêmica de quem questiona. Estes explicadores são textos construídos por jornalistas, com base na sua pesquisa e recolha de dados acerca de um determinado tema, que se julga importante explicar aos leitores, por ser um tema complexo. Deste ponto de vista, pode dizer-se que representam a perspectiva do órgão de informação acerca daquele assunto.

Como técnica/instrumento de coleta de dados, adotaram-se a observação direta³ e a observação indireta (entrevistas semiestruturadas com o secretário de redação da *Folha de S.Paulo*, o jornalista Vinícius Mota; o professor universitário e um dos fundadores do *Público*, o jornalista Joaquim Fidalgo; e o jornalista Ricardo Cabral Fernandes, que trabalhou no *Público* entre junho de 2019 e agosto de 2020)⁴. Para Fraser e Gondim (2004), a entrevista claramente valoriza o uso da palavra, do símbolo e do signo, que são privilégios das relações humanas e, por meio dos quais, os atores sociais constroem e procuram dar sentido à realidade que os cerca. O formato semiestruturado objetiva compreender uma realidade particular e assume um forte compromisso com a transformação social, por meio da autorreflexão e da ação emancipatória que pretende desencadear nos próprios participantes da pesquisa. Neste artigo, não foi analisado o conteúdo das entrevistas, porém as informações fornecidas pelos

entrevistados ajudaram na percepção da ambiência sócio-histórica do *Público* e da *Folha de S.Paulo*.

Em concordância com Van Dijk (1995, 1998, 2015, 2017), operacionalizou-se a análise crítica do discurso, concentrando-se nas formas como as estruturas do discurso jornalístico podem influenciar modelos mentais específicos e representações genéricas da audiência, bem como as crenças podem ser manipuladas. Assim, analisaram-se a manchete (M), a submanchete (SM) e as dez perguntas (P) de cada texto. Na metáfora proposta por A. Carvalho (2000), com base no percurso analítico proposto por van Dijk, obtém-se uma imagem do texto semelhante àquela oferecida por um aparelho de raio-X.

Ideologia e poder no “dia do fogo” na Amazônia: resultados

O quadro 1 sistematiza a estrutura do discurso jornalístico dos dois explicadores publicados pelo *Público* e pela *Folha de S.Paulo* sobre o caso. Optou-se por analisar cada estrutura individualmente a fim de perceber os detalhes da construção discursiva.

	<i>Público</i>	<i>Folha de S.Paulo</i>
M	Amazônia arde há duas semanas. Dez respostas para entender a destruição	Amazônia ajuda a regular clima global, mas não é o pulmão do mundo
SM	É o pior Agosto dos últimos oito anos em termos de focos de incêndios. Há pelo menos duas semanas que os incêndios continuam a devastar a Amazônia, levando a que destruição da floresta tropical regresse a máximos históricos.	Mitos e dúvidas rondam debate sobre Amazônia
P1	O número de incêndios registados este ano é inédito?	A Amazônia é o pulmão do mundo?
P2	Que números são conhecidos em termos de área ardida?	Países tentam tornar a Amazônia um território internacional?
P3	Onde se localiza a Amazônia?	A destruição da Amazônia afeta o resto do mundo?
P4	Quando começaram os incêndios na Amazônia?	A Amazônia é a maior floresta do mundo?

P5	O que está a causar esta vaga de incêndios?	A Amazônia é tomada por reservas indígenas?
P6	As queimadas são legais no Brasil?	A Amazônia é a maior reserva de biodiversidade do planeta?
P7	Porque é que a Amazônia é importante?	Os brasileiros têm impacto sobre a Amazônia?
P8	O que tem sido feito nos últimos anos na Amazônia?	O Brasil é o país com mais áreas protegidas?
P9	Que fundos protegem a floresta amazônica?	Amazônia sempre teve queimadas, mas o mundo só se preocupa agora?
P10	O que aconteceu a este fundo?	Todas as queimadas visam ao desmate?

Quadro 1. Estruturas do discurso jornalístico do *Público* e da *Folha de S.Paulo*. Fonte: Elaboração própria.

Tanto o texto do *Público* quanto o da *Folha de S.Paulo* foram publicados mais de dez dias após o “dia do fogo” na Amazônia. Certamente que o periódico brasileiro começou a destacar o caso a partir de 14 de agosto (Maisonave, 2019) em diferentes editoriais, porém é singular que a mesma estratégia discursiva de perguntas e respostas (explicadores) tenha sido utilizada praticamente ao mesmo tempo pelos dois jornais. É possível que esse interesse particular tenha sido desencadeado pelo tuíte do presidente francês Emmanuel Macron⁵, que apontou para uma crise internacional no “pulmão do mundo”. Deve-se aqui observar que, de acordo com N. C. de Oliveira (1991), a ideia de Amazônia como “pulmão do mundo” remonta à entrevista concedida pelo biólogo alemão Harald Sioli a um repórter estadunidense, em novembro de 1971, na qual o investigador estimou que a floresta amazônica absorvia em torno de 25% do gás carbônico da atmosfera terrestre. O repórter trocou o símbolo do gás carbônico (CO₂) pelo do oxigênio (O₂) ao escrever seu texto e, a partir deste equívoco, a Amazônia passou a ser o “pulmão do mundo”, no sentido de que “a Terra respira pela Amazônia”. Contudo, a analogia correta deveria ser “filtro do mundo”, pois o benefício da Amazônia, como o de qualquer floresta, é exatamente o inverso: fixar gás carbônico e liberar oxigênio. Infelizmente, investigações atuais apontam que a Amazônia tem perdido essa capacidade de retirar gás carbônico da atmosfera. Pivetta (2020) explica que o avanço das queimadas (que libera diretamente para a atmosfera o gás carbônico estocado na vegetação) e a maior mortalidade das

árvores (por conta de secas mais severas e prolongadas) são os principais fatores que tornam a Amazônia uma fonte de carbono.

Assim, essa ligeira demora dos dois periódicos para tentar compreender a Amazônia a partir do “dia do fogo” evocam a identidade e o isolamento das pessoas que vivem na floresta – características apontadas por Paes Loureiro (1995) que colocam a Amazônia num tempo passado e até folclórico, dada a associação da distância no espaço à distância no tempo. No *Público*, é relativamente compreensível o distanciamento, já que se trata efetivamente de um país estrangeiro (na acepção literal do termo) e geograficamente distante. Todavia, na *Folha de S. Paulo*, percebe-se uma dissociação, ainda que o caso tenha ocorrido dentro do mesmo país. Conforme informou o secretário de redação Vinícius Mota, a audiência do periódico não está na Amazônia, portanto o periódico brasileiro fala sobre a floresta, mas não para as pessoas que vivem na floresta. Antes, interessa colocar-se em diálogo com lideranças nacionais e internacionais. Mota explicou que há um correspondente em Manaus, no Estado do Amazonas, o jornalista Fabiano Maisonnave, que é responsável por apurar informações naquela região. Porém, os dados são compartilhados com a sede da redação, na cidade de São Paulo, para serem aprofundados por outros jornalistas. Esse tipo de rotina profissional faz com que o discurso da *Folha de S. Paulo* seja tão estrangeiro quanto o do *Público* quando se trata da Amazônia, porque ainda que o periódico brasileiro consiga evidenciar detalhes que quiçá não fossem perceptíveis sem a apuração *in loco*, prevalece o entendimento paulista sobre a Amazônia, pois, na maioria dos casos, não é o correspondente o autor principal dos textos – como é o caso dos textos explicadores aqui analisados. Isso parece indicar que a dificuldade de acesso à Amazônia repercute na produção jornalística, que não consegue explorar pontos de vista locais.

M: A distância espaço-temporal e a recusa à ideia de “pulmão do mundo”

Percebe-se que o *Público* reitera a distância espaço-temporal da Amazônia, dada a ênfase nas duas semanas em que estavam a ocorrer os incêndios florestais e, ao que tudo indicava, o pouco conhecimento sobre o caso. Segundo o jornalista Ricardo Cabral Fernandes, o “dia do fogo” ganhou destaque no periódico português porque, como ocorreu no verão europeu, muitos jornalistas estavam de férias e não havia outros acontecimentos na sociedade portuguesa que demandassem a atenção do poder público. Os incêndios florestais que por vezes ocorrem em terras portuguesas, como os de Pedrógrão Grande, em 2017, não se assemelham ao “dia do fogo”, uma vez que as condições climáticas do Brasil

diferem das de Portugal e as causas destes incêndios na Amazônia terão sido supostamente criminosas. Na avaliação do jornalista e investigador Joaquim Fidalgo, ainda que o noticiário internacional seja uma das características do *Público*, não é dada atenção particular ao que se passa em terras brasileiras. Comparado aos primeiros anos de atividade do jornal, atualmente há mais notícias sobre o Brasil, porém Fidalgo atribui isso ao número cada vez maior de brasileiros⁶ em Portugal, não necessariamente a uma preocupação institucional.

Já a *Folha de S. Paulo* destaca a importância da Amazônia para o clima global e para o fato de o bioma não ser “o pulmão do mundo”. De fato, a floresta amazônica produz imensas quantidades de água, o que a torna essencial para a regulação do clima global. Vieira Junior et al. (2019) explicam que os chamados “rios voadores”, formados por massas de ar carregadas de vapor de água, levam umidade para o centro-oeste, sudeste e sul do Brasil, afetando significativamente o regime de chuvas e o clima dessas regiões. Entretanto, para A. Carvalho e Loose (2018), a importância da Amazônia não recai apenas como “agente controlador” de diversos processos meteorológicos, como estoque mundial de biodiversidade e de água doce ou como sumidouro de carbono. As autoras lembram negativamente a contribuição do Brasil para as emissões globais de gases de efeito estufa (principalmente por meio do desmatamento), bem como os impactos ambientais decorrentes da produção de energia hidrelétrica na Amazônia. O periódico brasileiro reservou sua crítica apenas para a segunda parte da manchete, que é sobre o “pulmão do mundo”.

SM: A permissão de Bolsonaro ao desmatamento e as possíveis definições de Amazônia

O *Público* chama a atenção para o fato de os focos de incêndio na Amazônia terem estado sob controle nos oito anos anteriores. Na avaliação de Barlow et al. (2020), entre 2004 e 2012, fora executado um plano de ação de desmatamento bem-sucedido no Brasil, no entanto a postura do governo Jair Bolsonaro foi minar o monitoramento florestal e cortar recursos para a aplicação da lei. A suposta permissão do presidente brasileiro ao desmatamento da floresta, bem como a demora das autoridades brasileiras em tomar medidas para mitigar os impactos ambientais é o que particulariza o “dia do fogo”.

Quando fala em mitos e dúvidas sobre a Amazônia, a *Folha de S. Paulo* mostra que, em geral, ainda não se compreende bem o bioma. Se Paes Loureiro (1995) destaca que o sentido mais frequente é associado à bacia hidrográfica e/ou à província botânica, Bueno (2002) revela que, além de milhares de espécies

vegetais e animais, a Amazônia abriga diversos atores sociais. Por isso, deve-se considerá-la, também, como conjunto político. A autora explica que os países atravessados pela Bacia Amazônica compõem a Amazônia internacional ou Pan-Amazônia, ao passo que a Amazônia brasileira, também chamada de Amazônia Legal, é definida, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, pelos Estados do Acre, Amapá, Amazonas, Pará, Rondônia, Roraima, Tocantins e Mato Grosso, bem como pelos municípios do Estado do Maranhão situados ao oeste do Meridiano 44°. Essas definições enquadram as fronteiras e divisas ao recobrimento da floresta amazônica. O viés socioeconômico apresenta-se em Trindade Jr. (2013), que parte do pressuposto que a floresta amazônica não se trata apenas de um recurso natural, mas sim de um espaço socialmente produzido pelas dimensões ecológica, econômica, lúdica, funcional e, também, pelas representações simbólico-culturais. Portanto, entende-se que essas discussões já deveriam estar amadurecidas na sociedade brasileira, sobretudo pela importância da Amazônia no freio às alterações climáticas, e tratá-las como “mitos e dúvidas” reitera o olhar do estrangeiro para o próprio país.

P1: Dados científicos para combater Bolsonaro e a ideia de “pulmão do mundo”

Ao enfatizar o número de incêndios registrados, o *Público* reforça a importância do Programa Queimadas, do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe). O órgão brasileiro é responsável pelo monitoramento de queimadas por meio de imagens de satélites. Isto permite análises temporais e espaciais da ocorrência do fogo, já que o banco de dados é alimentado diariamente e por anos seguidos. Referir-se a essa fonte de informação confiável foi uma forma de combater o negacionismo do presidente Jair Bolsonaro, que, inclusive, havia exonerado o presidente do Inpe, Ricardo Galvão, no mês anterior ao dia do fogo – justamente porque Galvão havia alertado para o aumento no número dos focos de incêndio (Lusa, 2020). Por sua vez, a *Folha de S.Paulo* insiste em desconstruir a ideia de Amazônia como “pulmão do mundo”, mencionada na manchete.

P2: Mais ciência e os interesses internacionais na Amazônia

O *Público* apresenta mais dados do Programa Queimadas (Inpe), o que comprova a veracidade e a gravidade dos incêndios florestais na Amazônia. Já a *Folha de S.Paulo* nega a possibilidade de a Amazônia ser um território internacional, não obstante a sua importância para frear as alterações climáticas. Deve ter-se em

mente que, em condição global, a Amazônia representa uma fronteira de preservação para a sobrevivência do planeta Terra. Para Becker (2009, p. 21), esta percepção agrega interesses ambientalistas legítimos, mas também revela “interesses econômicos e geopolíticos, expressos respectivamente num processo de mercantilização da natureza e de apropriação do poder de decisão dos Estados sobre o uso do território”. Bentes (2005) afirma que as elites europeias e norte-americanas veem a territorialidade da Amazônia como um privilégio e o querem para si. Conforme manifesto na Conferência das Nações Unidas de 1972, esses países desejam controlar a Amazônia, transformando os problemas ambientais do território em um problema político internacional, ao apostarem na ideia de soberania relativa do Brasil. Em concordância, Lima (2019) explica que há grande preocupação internacional acerca das fronteiras agrícolas em curso na Amazônia (criação de gado, monocultura da soja, extração de madeira e de minérios), entretanto os países que se destacam na defesa da preservação da floresta amazônica são contraditórios: por exemplo, a Alemanha, cuja política energética baseia-se em carvão, e a Noruega, que é a maior acionista da mineradora Hydro – esta que é envolvida em processos judiciais por contaminação dos rios do município de Barcarena, no Estado do Pará.

P3: Definição político-ambiental da Amazônia e sua importância mundial

Ao explicar onde se localiza a Amazônia, o *Público* tenta conferir um senso de lugar aos leitores portugueses. É mantida a associação do bioma aos rios e à floresta, bem como é apresentada a caracterização política, contudo não é explorado o viés socioeconômico e cultural da Amazônia. Por seu turno, a *Folha de S.Paulo* retoma a importância da Amazônia para a regulação do clima, ainda que não seja o “pulmão do mundo”, consoante a manchete e a primeira pergunta (P1).

P4: O “dia do fogo” e a maior floresta tropical do mundo

Há uma tentativa do *Público* em determinar um começo para o “dia do fogo”, no entanto o periódico português falha na apuração e na edição das informações sobre o caso. Isto reforça o que disseram os jornalistas Cabral Fernandes e Fidalgo, que não há uma preocupação particular de compreender as questões do Brasil, sobretudo da parte periférica do país. Já a *Folha de S.Paulo* explora as dimensões que fazem da Amazônia a maior floresta tropical do mundo. Há um reforço na associação do bioma às suas características naturais.

P5: A agropecuária causa os incêndios e os povos indígenas resistem

O *Público* tenta repercutir que a onda de incêndios florestais decorre do desmatamento, e não pelo fato de o clima ser “seco”, conforme alegava o presidente Jair Bolsonaro. Dados do Inpe mostram que, de fato, choveu menos em 2019 do que nos anos anteriores, entretanto isso não equivale dizer que o clima da Amazônia é seco. Pivetta (2019) explica que as florestas úmidas tropicais (como a floresta amazônica) são literalmente florestas de chuva, uma vez que suas coberturas vegetais densas e exuberantes resultam da intensa e contínua chuva – entre 2 mil e 4.500 milímetros por ano. Portanto, a causa do “dia do fogo” foi supostamente criminosa. O periódico português também abre espaço para ao ataque de Bolsonaro às organizações não governamentais (ONG). Segundo o chefe de Estado brasileiro, eram as ONG as responsáveis pelos incêndios florestais, e não os agropecuaristas.

Quando menciona as reservas indígenas, a *Folha de S. Paulo* discute como se constitui o espaço socioeconômico da Amazônia. Além das áreas urbanas, Becker (2009) explica que as áreas protegidas (em torno de 26% do território) são formadas pelas terras indígenas demarcadas e por unidades de conservação diversas. No governo Bolsonaro, as reservas indígenas são seriamente ameaçadas, dado que o presidente deseja alterar as demarcações para permitir a exploração mineradora.

P6: Nem todo fogo é ruim na maior floresta tropical do mundo

O *Público* destaca que nem todas as queimadas são ilegais, no Brasil. Esta questão advém da pressão das lideranças europeias para que a floresta seja “protegida a todo custo, preservando o máximo da sua biodiversidade, produzindo o menor impacto possível ao meio ambiente” (Sodré, 2019, p. 16). Embora legítima, esta visão torna o uso do fogo um vilão para o meio ambiente, contudo não considera que a realidade social da Amazônia, cuja população agrícola, em geral, é formada por pessoas de baixo poder aquisitivo e baixo grau de escolaridade. O estudo de Costa (2004) mostrou que a queimada é o método mais barato para a manutenção de pastagens e para a fertilização do solo de novas áreas agrícolas. Sem o fogo, os agricultores teriam que investir em máquinas pesadas para remover as árvores derrubadas, deixando de aproveitar o aumento a curto prazo da fertilidade do solo que a incorporação de cinzas promove. Homma (2020) lembra, ainda, que as queimadas feitas pelos povos indígenas são sustentáveis, integradas com práticas de manejo e visam à própria sobrevivência.

Por sua vez, a *Folha de S.Paulo* ressalta a biodiversidade da Amazônia, em concordância com a quarta pergunta (P4). O aspecto natural da floresta representa, de fato, sua principal característica, ainda que não tenha sido possível catalogar todas as espécies vegetais e animais do bioma. Segundo Becker (1996), uns afirmam que metade das espécies animais do planeta podem estar na Amazônia; outros, que há mais de quatro mil tipos de plantas medicinais no bioma.

P7: O predomínio da definição ambiental e a relação “dos brasileiros” com a Amazônia

A capacidade de produção de oxigênio, por meio da fixação do gás carbônico, e sua biodiversidade são apontadas pelo *Público* como as principais características da Amazônia. Reforça-se aqui o sentido proposto pela terceira pergunta (P3), que associa o bioma aos recursos naturais. Já a *Folha de S.Paulo* tenta mostrar que o consumo de produtos madeireiros e de carne pelos brasileiros têm relação com os incêndios florestais na Amazônia. Entende-se que “os brasileiros”, para o periódico, são as pessoas que moram nas regiões sudeste e sul do Brasil, e não necessariamente as pessoas que vivem na Amazônia, a região brasileira que gera riqueza, mas não a fixa (Loureiro, 2002). Novamente, são evidenciados o isolamento e a identidade da Amazônia, consoante apontado por Paes Loureiro (1995).

P8: Os problemas anteriores a Bolsonaro e o valor das áreas protegidas

O *Público* tenta contextualizar os problemas ambientais na Amazônia para além do “dia do fogo” e do governo de Jair Bolsonaro, pois lembra os grandes investimentos, sobretudo em infraestrutura (como a construção de hidrelétricas, pavimentação e recuperação de estradas), feitos na Amazônia e no Brasil, em geral, durante o governo do presidente Luís Inácio Lula da Silva (2003-2010). De acordo com Barretto Filho (2020), essa agenda de grandes obras de infraestrutura e o estreitamento dos vínculos com o agronegócio (pecuária de grande escala em pastagens de baixa produtividade; monocultivos de eucalipto, soja e cana; complexos minerários a céu aberto; minerodutos com quilômetros de extensão; megaprojetos de hidrelétricas) têm caracterizado uma econômica neoextrativista na Amazônia, cujos efeitos são os conflitos de territorialidade.

As áreas protegidas da Amazônia, mencionadas na quinta pergunta (P5) são retomadas pela *Folha de S.Paulo*, assim como a comparação com outros

países, explorada na segunda pergunta (P2). São essas apropriações de caráter político ou de manifestação/realização das relações de poder em suas múltiplas esferas (Haesbaert, 2010) que configuram o bioma amazônico como território. O periódico brasileiro reconhece a importância estratégica dos recursos naturais no xadrez capitalista.

P9: O financiamento internacional e a referência aos dados científicos

O *Público* chama a atenção para o Fundo Amazônia, criado em 2008 e administrado pelo Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social, com o objetivo de financiar projetos ambientais, comprar carros para a fiscalização de derrubadas ilegais da floresta e a prevenção de incêndios. Na avaliação de Lemos e Silva (2011), o Fundo Amazônia representa a principal iniciativa do governo brasileiro para combater o desmatamento, bem como para promover a conservação e o manejo sustentável da floresta. A gestão do Fundo apresentou problemas com o presidente Michel Temer (2016-2018), os quais se intensificaram com o governo de Jair Bolsonaro. O dia do fogo foi o estopim para que Alemanha e Noruega, os principais contribuintes, suspendessem o repasse de recursos. Por seu turno, a *Folha de S.Paulo* recorre aos dados do Inpe – que ainda não haviam sido repercutidos pelo periódico brasileiro, apenas na submanchete, na primeira (P1) e na segunda pergunta (P2) do periódico português – para enfatizar que o “dia do fogo” rompeu com o controle do desmatamento.

P10: Menos dinheiro da Europa e nem todo fogo é ruim

Enquanto o *Público* reforça que Alemanha e Noruega suspenderam os repasses para o Fundo Amazônia, a *Folha de S.Paulo* apresenta uma questão levantada na sexta pergunta (P6) do periódico português, sobre o fato de nem todas as queimadas na Amazônia objetivarem o desmatamento.

Discussão dos resultados

Semelhantes ideologias sobre a Amazônia manifestaram-se a partir do discurso dos dois jornais aqui analisados. Essas ideologias resultaram das práticas e rotinas jornalísticas adotadas pelo *Público* e pela *Folha de S.Paulo*, bem como do contexto sócio-histórico e político-institucional onde cada periódico se insere. Ainda que não se possa generalizar as inferências, as pistas ora encontradas

apontam para as crenças e os valores produzidos pela sociedade luso-brasileira. Isto porque, não obstante a estratégia mercadológica de oferecer assinaturas digitais conjuntas, os explicadores resultaram de produções próprias. Logo, os entendimentos são comuns e provavelmente desencadeados por um fator externo ao Brasil e a Portugal, que foi a intervenção do presidente francês Emmanuel Macron.

A visão equivocada de Macron sobre o “pulmão do mundo” pareceu direcionar de forma mais evidente o discurso do periódico brasileiro, o que parece reiterar a premissa de que São Paulo vê a Amazônia como estrangeira dentro do mesmo país. Foi necessária uma ação externa para que a *Folha de S. Paulo* tentasse esclarecer as questões sobre a floresta. Por mais que o “dia do fogo” na Amazônia estivesse a ser repercutido em editoriais diversas, a maneira didática de falar sobre o bioma evidenciou-se neste Explicador. Mais: quando o jornal menciona o impacto “dos brasileiros” sobre a Amazônia, a escolha discursiva denota a separação espaço-temporal, apontada por Paes Loureiro (1995). Não é o “nosso impacto” (como sociedade capitalista) sobre a Amazônia, mas sim o impacto dos centros político-econômicos brasileiros (quicá mundiais), onde a maneira de viver é diferente do território amazônico, conforme explicou Trindade Jr. (2013). Certamente que cada região brasileira tem sua particularidade, porém prevalece a ideia de que o Brasil e a contemporaneidade são representados por São Paulo. A periferia (por mais valiosa que seja, como é o caso da Amazônia) ocupa “outro lugar” – o lugar de um tempo primitivo e que está a serviço do capital.

O enfrentamento político ao presidente Jair Bolsonaro, coerente com a postura atual da *Folha de S. Paulo* de se colocar como guardião da democracia, foi percebido na referência ao Programa Queimadas (Inpe), para desconstruir o argumento de que a causa dos incêndios era natural, bem como na referência estratégica às terras indígenas, que são ameaçadas por Bolsonaro. No entanto, as atividades mineradora e hidrelétrica, que também são danosas ao bioma, foram ignoradas pelo periódico brasileiro. No *Público*, também se percebeu que o presidente Bolsonaro estava implicado no “dia do fogo” na Amazônia, porém houve um esforço de olhar até a gestão do presidente Michel Temer e para os índices de desmatamento, na tentativa de justificar a suspensão dos repasses da Alemanha e da Noruega para o Fundo Amazônia. Decerto que o periódico português se alinha à agenda verde europeia (o que não é surpreendente, tendo em conta que Portugal integra a União Europeia), que parece não tolerar qualquer tipo de fogo na Amazônia (em certa medida, reiterando o entendimento da

Amazônia como “lugar de atraso”), porém ela própria é controversa, conforme indicou Lima (2019).

A associação às características naturais do bioma (rios e floresta) predominaram no discurso jornalístico do *Público* e da *Folha de S.Paulo*. Novamente, convém lembrar o argumento de Trindade Jr. (2013), de que, em vez de uma linearidade histórica, na Amazônia há o (des)encontro de temporalidades, visto que os diferentes sujeitos que passaram a ocupá-la têm diferentes concepções de vida e visões de mundo. Por conseguinte, os periódicos defendem a importância da Amazônia para o freio às alterações climáticas, há valor nesse tipo de informação – tanto que ambos fazem referência à capacidade do bioma de regular o clima. Entretanto, não parece que estejam inclinados a investir especificamente numa cobertura sobre a Amazônia para além da infraestrutura já disponível. É evidente que os correspondentes auxiliam na coleta de informações, porém não está clara a sua participação nas decisões editoriais. Sem a experiência de estar na Amazônia e de perceber o ponto de vista das pessoas que mais diretamente são afetadas por supostos crimes ambientais, como o “dia do fogo” na Amazônia, bem como sua relação ecológica, econômica, lúdica, funcional e simbólico-cultural com a floresta, o discurso jornalístico do *Público* e da *Folha de S.Paulo* torna-se popularmente ideológico, conforme apontou Silva (2021), pois vê apenas um recorte da realidade social.

Considerações finais

O artigo objetivou identificar e compreender como se manifestaram as ideologias sobre a Amazônia no discurso jornalístico sobre o dia do fogo. A partir da análise crítica de dois textos (explicadores) publicados pelos jornais *Público* e *Folha de S.Paulo*, percebeu-se que, apesar de sua importância estratégica para a manutenção da vida na Terra, a Amazônia demanda mais compreensão pela sociedade. De maneira geral, é preciso que o jornalismo luso-brasileiro se qualifique mais para identificar os interesses envolvidos na exploração dos recursos naturais, bem como compreender os pontos de vista que não são dominantes, a exemplo das pessoas que vivem na Amazônia. Perceberam-se dois olhares “estrangeiros” sobre a Amazônia, cada um à sua maneira (até porque, no caso do *Público*, trata-se, de fato, de um país estrangeiro e geograficamente distante).

Uma das limitações deste estudo refere-se à impossibilidade de entrevistar as autoras dos explicadores selecionados – para as indagar sobre as condições de produção discursiva e debater os resultados da nossa análise. Certamente, a visão

das jornalistas traria uma nova camada de compreensão e interpretação à produção discursiva sobre o “dia do fogo” na Amazônia. No futuro, espera-se confrontar esta análise com outras pesquisas sobre o caso para obter um melhor contexto e compreensão social do fenômeno e do discurso jornalístico sobre o fenômeno, bem como avançar na investigação sobre o papel dos correspondentes na atividade jornalística, especialmente nas questões sobre Amazônia e meio ambiente.

Agradecimentos

Este trabalho é financiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto UIDB/00736/2020 (financiamento base) e UIDP/00736/2020 (financiamento programático).

Notas

¹ Uma versão preliminar deste trabalho foi discutida na 9ª *Critical Approaches to Discourse Analysis Across Disciplines* (CADAAD), organizada conjuntamente pela Universidade de Bérghamo e pela Universidade da Cidade de Birmingham. A conferência ocorreu de 6 a 8 de julho de 2022.

² Segundo o Instituto Verificador de Comunicação, a circulação total (digital e impressa) média mensal da *Folha de S. Paulo*, em 2019, foi 328.438 exemplares diários pagos. Em 2020, o número subiu para 337.854. Em 2021, subiu novamente para 366.089. Já a Associação Portuguesa para o Controlo de Tiragem e Circulação indica que o *Público*, em 2020, registrou pico de circulação digital no terceiro trimestre com a venda de 34.673 exemplares. Este número foi superado em 2021, quando, no segundo trimestre, registrou máxima de 40.778 exemplares vendidos. Ver: <http://www.apct.pt>.

³ De acordo com os procedimentos de investigação propostos por Quivy & Campenhoudt (2005), a observação consiste numa fase intermediária entre a construção dos conceitos e o exame dos dados utilizados. Não se deve confundir com a observação direta como método, que se baseia na observação visual e cujas variantes são a observação participante de tipo etnológico ou a observação não participante.

⁴ As jornalistas Sofia Neves, do *Público*, e Ana Carolina Amaral, da *Folha de S. Paulo*, autoras dos textos de perguntas e respostas selecionados para este artigo, não responderam à solicitação de entrevista. A contribuição dos jornalistas Vinícius Mota, Joaquim Fidalgo e Ricardo Cabral Fernandes foi aqui aproveitada, dada a cooperação deles na investigação doutoral, da qual decorre este trabalho. Por conta das limitações impostas pela pandemia de covid-19, Mota, Fidalgo e Cabral Fernandes foram entrevistados por *Skype* nos dias 2 de outubro, 7 de outubro e 17 de dezembro de 2020, respectivamente.

⁵ Macron utilizou uma imagem genérica de incêndios florestais para chamar a atenção para os fogos na Amazônia. Ver: <https://twitter.com/EmmanuelMacron/status/1164617008962527232>

⁶ Dados do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras apontam que os brasileiros formam a maior comunidade de imigrantes em Portugal. Em 2019, do total de 590.348 estrangeiros com residência regular, 151.304 eram brasileiros. Em 2020, dos 662.095 imigrantes regulares, os brasileiros eram 183.993 pessoas. O número real de imigrantes pode ser ainda maior, uma vez que as estatísticas desconsideram aqueles que obtêm a nacionalidade portuguesa. Ver: <https://sefstat.sef.pt/Docs/Rifa2020.pdf>.

Referências

- Albuquerque, A. de (2019).** Journalism and Multiple Modernities: The Folha de S.Paulo Reform in Brazil. *Journalism Studies* 20 (11). <https://doi.org/10.1080/1461670X.2018.1528881>
- Althusser, L. (1970).** Idéologie et appareils idéologiques d'État. *La Pensée* 151. <http://gesd.free.fr/althu70.pdf>
- Amaral, A. C. (2019, Agosto 23).** Amazônia ajuda a regular clima global, mas não é o pulmão do mundo. *Folha de S.Paulo*. <https://www1.folha.uol.com.br/ambiente/2019/08/amazonia-ajuda-a-regular-clima-global-mas-nao-e-o-pulmao-do-mundo.shtml>
- Barlow, J., Berenguer, E., Carmenta, R., e França, F. (2020).** Clarifying Amazonia's burning crisis. *Global Change Biology* 26 (2). <https://doi.org/10.1111/gcb.14872>
- Barretto Filho, H. T. (2020).** Bolsonaro, Meio Ambiente, Povos e Terras Indígenas e de Comunidades Tradicionais. *Cadernos de Campo (São Paulo - 1991)* 29 (2). <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v29i2pe178663>
- Becker, B. K. (1996).** Amazônia. São Paulo: Ática.
- Becker, B. K. (2009).** *Amazônia: geopolítica na virada do III milênio*. Rio de Janeiro: Garamond.
- Bentes, R. (2005).** A intervenção do ambientalismo internacional na Amazônia. *Estudos Avançados* 19 (54). <https://doi.org/10.1590/S0103-40142005000200013>
- Bourdieu, P. (1989).** *O poder simbólico*. Lisboa: Bertrand Brasil.
- Bourdieu, P. (1997).** *Sobre a televisão*. Oeiras: Celta.
- Braga, T. (2021).** *Narrativas jornalísticas sobre o dia do fogo na Amazônia (2019-2020): o caso da Folha de S.Paulo (Brasil) e do Público (Portugal)* (Tese de Doutorado). <https://hdl.handle.net/1822/75723>

- Braga, T., e Marinho, S. (2021a).** As fontes de informação sobre o dia do fogo na Amazônia: estudo de caso luso-brasileiro. *E-Compós*. <https://doi.org/10.30962/ec.2543>
- Braga, T., e Marinho, M. (2021b).** Narrativas jornalísticas sobre o dia do fogo na Amazônia: O caso da Folha de S.Paulo (Brasil) e do Público (Portugal). *New Trends in Qualitative Research* 9. <https://doi.org/10.36367/ntqr.9.2021.56-65>
- Bueno, M. F. (2002).** *O imaginário brasileiro sobre a Amazônia: uma leitura por meio dos discursos dos viajantes, do Estado, dos livros didáticos de Geografia e da mídia impressa*. <https://doi.org/10.11606/D.8.2003.tde-11052004-103058>
- Camargos, D. (2019, Outubro 23).** Fazendeiros e empresários organizaram “dia do fogo”, apontam investigações. *Folha de S.Paulo*. <https://www1.folha.uol.com.br/ambiente/2019/10/fazendeiros-e-empresarios-organizaram-dia-do-fogo-apontam-investigacoes.shtml>
- Carvalho, A. (2000). Opções metodológicas em análise de discurso: instrumentos, pressupostos e implicações. *Cadernos do Noroeste: série comunicação* 14 (1–2). <http://hdl.handle.net/1822/5520>
- Carvalho, A., e Loose, E. B. (2018).** Climate change in Brazilian media. In B. Brevini e J. Lewis (Eds.) *Climate Change and the Media* (pp. 78–94). Peter Lang. <http://hdl.handle.net/1822/55759>
- Carvalho, M., e Dávila, S. (2020, Julho 9).** Carta aos leitores do PÚBLICO e da Folha de S.Paulo. *Público*. <https://www.publico.pt/2020/07/09/opiniaio/editorial/carta-leitores-publico-folha-spaulo-1923602>
- Costa, L. M. (2004).** *Sob o fogo cruzado das campanhas: ambientalismo, comunicação e agricultura familiar na prevenção ao fogo acidental na Amazônia* (Tese de Doutorado). <http://repositorio.ufpa.br:8080/jspui/handle/2011/2323>
- França, V. R. V. (2012).** O acontecimento e a mídia. *Galáxia* (24). <https://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/12939>
- Fraser, M. T. D., e Gondim, S. M. G. (2004).** Da fala do outro ao texto negociado: discussões sobre a entrevista na pesquisa qualitativa. *Paidéia (Ribeirão Preto)* 14 (28): 139–152. <https://doi.org/10.1590/s0103-863x2004000200004>
- Geertz, C. (2015).** *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC.
- Haesbaert, R. (2010).** *Regional-global: dilemas da região e da regionalização na geografia contemporânea*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

- Homma, A. K. O. (2020).** *Roça sem fogo: da tradição das queimadas à agricultura sustentável na Amazônia*. Brasília: Embrapa.
- Lage, L. R., e Salgado, T. P. B. (2011).** Por uma abordagem pragmatista dos acontecimentos – Entrevista com Louis Quéré. *Revista EcoPós* 14 (2).
<https://doi.org/https://doi.org/10.29146/eco-pos.v14i2.1213>
- Lemos, A. L. F., e Silva, J. de A. (2011).** Desmatamento na Amazônia Legal: Evolução, Causas, Monitoramento e Possibilidades de Mitigação Através do Fundo Amazônia. *Floresta e Ambiente* 18 (1).
<https://doi.org/10.4322/floram.2011.027>
- Lima, C. (2019).** El conflicto en el Amazonas en perspectiva histórica. *Estudios Rurales* 9 (18). <https://ppct.caicyt.gov.ar/index.php/estudios-rurales/article/view/16462/45454575769141>
- Loureiro, V. R. (2002).** Amazônia: uma história de perdas e danos, um futuro a (re)construir. *Estudos Avançados* 16 (45). <https://doi.org/10.1590/s0103-40142002000200008>
- Lusa. (2020, Junho 12).** Desflorestação da Amazônia no Brasil até Maio foi a maior desde 2015. *Público*.
<https://www.publico.pt/2020/06/12/mundo/noticia/desflorestacao-amazonia-brasil-ate-maio-maior-desde-2015-1920413>
- McNair, B. (1998).** *The sociology of journalism*. London: Arnold.
- Maisonave, F. (2019, agosto 14).** Em “dia do fogo”, sul do PA registra disparo no número de queimadas. *Folha de S.Paulo*.
<https://www1.folha.uol.com.br/ambiente/2019/08/em-dia-do-fogo-sul-do-pa-registra-disparo-no-numero-de-queimadas.shtml>
- Marx, K., e Engels, F. (2007).** *A ideologia alemã: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas (1845-1846)*. São Paulo: Boitempo.
- Neves, S. (2019, Agosto 22).** Amazônia arde há duas semanas. Dez respostas para entender a destruição. *Público*.
<https://www.publico.pt/2019/08/22/mundo/noticia/amazonia-perguntas-respostas-1884120>
- Neveu, É. (2005).** *Sociologia do jornalismo*. Porto: Porto Editora.
- Oliveira, N. C. de (1991).** Amazônia, pulmão do mundo? *Revista Conjuntura Econômica* 45 (2).
<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rce/article/view/55274/0>
- Oliveira, M., e Paulino, F. O. (2017).** Serviço público de mídia em Portugal e no Brasil: problemas e desafios da pesquisa comparada. *Sur Le*

Journalisme, About Journalism, Sobre Jornalismo 6 (2).
<http://www.surlejournisme.kinghost.net/rev/index.php/slj/article/view/317>

- Paes Loureiro, J. de J. (1995).** *Cultura Amazônica: uma poética do imaginário*. Belém: Cejup.
- Pivetta, M. (2019, Novembro).** A floresta de chuva. *Pesquisa Fapesp* (pp. 18–23). https://revistapesquisa.fapesp.br/wp-content/uploads/2019/11/018-023_capa-amazonia_285.pdf
- Pivetta, M. (2020, Janeiro).** Amazônia, agora, é fonte de CO2. *Pesquisa Fapesp* (pp. 48–51). <https://revistapesquisa.fapesp.br/amazonia-agora-e-fonte-de-co2/>
- Quééré, L. (2012).** A dupla vida do acontecimento: por um realismo pragmatista. In V. R. V. França e L. de Oliveira (Orgs.). *Acontecimento: reverberações*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Quivy, R., e Campenhoudt, L. (2005).** *Manual de investigação em ciências sociais - Trajectos*. Lisboa: Gradiva.
- Rodrigues, A. (2019, Agosto).** Política de Bolsonaro pode travar acordo “histórico” entre UE e Mercosul. *Público*. <https://www.publico.pt/2019/08/23/mundo/noticia/fogos-amazonia-finlandia-apela-ue-considera-banir-carne-brasil-1884213>
- Silva, J. M. da (2014).** Ideologia e poder na comunicação. In A. Citelli, C. Berger, M. A. Baccega, M. I. V. de Lopes, e V. R. V. França (Eds.), *Dicionário de comunicação: escolas, teorias e autores*. São Paulo: Contexto.
- Silva, J. M. da (2021).** O paradoxo da ideologia. *MATRIZES* 15 (1). <https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v15i1p45-56>
- Simões, P. G. (2014).** O acontecimento e o campo da Comunicação. *Teorias da Comunicação no Brasil: reflexões contemporâneas*. Salvador: Edufba.
- Sodré, G. R. C. (2019).** *Fogo e queimadas: histórico, risco e calendário meteorológico na Amazônia Oriental*. <http://repositorio.ufpa.br:8080/jspui/handle/2011/12212>
- Thompson, J. B. (2011).** *Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. Petrópolis: Vozes.
- Trindade Jr., S.-C. C. da (2013).** Das “Cidades na Floresta” às “Cidades da Floresta”: espaço, ambiente e urbanodiversidade na Amazônia Brasileira. *Papers Do NAEA* 321.
- Tuffani, M. (2019, Setembro 1).** Bolsonaro sempre sinalizou que afrouxaria preservação ambiental. *Folha de S.Paulo*.

<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2019/09/bolsonaro- sempre-sinalizou-que-afrouxaria-preservacao-ambiental.shtml>

van Dijk, T. A. (1995). Power and the news media. In D. Paletz (Ed.), *Political Communication and Action* 9 (36), New Jersey: Hampton Press.

<http://www.discourses.org/OldArticles/Power and the news media.pdf>

van Dijk, T. A. (1998). *Ideology: a multidisciplinary approach*. Thousand Oaks: SAGE.

van Dijk, T. A. (2015). *Discurso e poder*. São Paulo: Contexto.

van Dijk, T. A. (2017). *Discurso, notícia e ideologia: estudos na análise crítica do discurso*. V. N. Famalicão: Edições Húmus.

Vieira Junior, P. A., Buainain, A. M., e Contini, E. (2019). Amazônia, Um mosaico em construção. *Revista de Política Agrícola* 28 (4).

<http://www.alice.cnptia.embrapa.br/alice/handle/doc/1122347>

Wang, W. (2020). Grammatical conformity in question-answer sequences: The case of meiyou in Mandarin conversation. *Discourse Studies* 22 (5).

<https://doi.org/10.1177/1461445620916371>

Zainal, Z. (2017). Case study as a research method. *Jurnal Kemanusiaan* 5 (1).

<https://jurnalkemanusiaan.utm.my/index.php/kemanusiaan/article/view/165>

Notas biográficas

	<p>Thais Braga. Doutorada em Ciências da Comunicação. É jornalista na Universidade Federal do Pará e investigadora do Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade. Integra os grupos de pesquisa “Hermenêutica e Comunicação – HERMENECOM”, “Narrativas Contemporâneas na Amazônia Paraense – NARRAMAZÔNIA” e “Mídia e Violência: percepções e representações na Amazônia”.</p> <p>E-mail: thaislcbraga@gmail.com</p>
	<p>Sandra Marinho. Doutorada em Ciências da Comunicação. É docente no Departamento de Ciências da Comunicação da Universidade do Minho e investigadora do Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade. Seus principais interesses de investigação são o ensino do jornalismo e a qualidade do jornalismo e ensina maioritariamente na área das Metodologias de Investigação.</p> <p>E-mail: marinho@ics.uminho.pt</p>